

Introdução

A ideia para a constituição desta obra partiu do grupo de investigadores que constituía o núcleo do ex-SOC (Programa Sociedades e Culturas Tropicais) do Instituto de Investigação Científica Tropical, no ano de 2006, para homenagear a professora Jill Dias enquanto directora do Centro de Estudos Africanos e Asiáticos (CEAA) daquela instituição desde 1986, e do programa que lhe sucedeu, acima referido. O projecto da elaboração do volume foi transmitido à professora Jill Dias, que o acolheu com entusiasmo e apreço, pois o objectivo era homenagear alguém cuja capacidade de apoio e de agregação permitira a constituição de projectos de investigação fundamental, de que alguns resultados podem ser apreciados como exemplo nos textos agora apresentados em conjunto. Ou seja, as contribuições deste volume revelam o fruto de investigações empreendidas devido ao apoio, confiança, investimento e incentivo de alguém que se encontrava entre nós e com quem podíamos contar a cada momento. Alguém cujas capacidades humanas e científicas continuavam a fazer parte da nossa equipa, embora institucionalmente já não o fosse.

Infelizmente Jill Dias faleceu em Abril de 2008, sem assistir à edição do volume que agora se apresenta, e cuja diferenciação e riqueza temática se revelam um verdadeiro espelho dos empenhos em que a homenageada se desdobrava, numa energia fulgurante. Os editores decidiram pois conservar o cariz inicial do projecto e que é a sua razão de ser: não uma obra de apreço *post mortem*, que decerto vai existir com cabimento e dignidade, mas um volume que remete para o tempo em que foi concebido, com Jill Dias presente e actuante, com todo o seu dinamismo. Alguns textos, como o de David Birmingham, revelam nitidamente esse tempo em que contávamos com Jill Dias no seio do meio social e académico, não o tempo em que sentimos, pesadamente, a sua ausência.

Para este projecto foram convidados a colaborar não só os investigadores que constituíam o núcleo do ex-SOC, mas também todos aqueles que, de uma forma ou outra, em tempos mais recuados ou mais próximos, estiveram relacionados com o trabalho de Jill Dias enquanto directora do CEAA e do SOC. Entre eles encontrava-se o colega angolano Emmanuel Esteves, entretanto também falecido, mas cujo texto aqui se apresenta, com uma harmonização da responsabilidade dos editores.

Neste conjunto de ensaios entrecruzam-se várias dimensões, nomeadamente uma cronológica (com balizas entre os séculos XVII e XXI) e outra temática. Tomando em conta a grande diversidade dos assuntos abordados nos textos, o livro foi dividido em quatro partes, sendo as duas primeiras de temáticas históricas (dos séculos XVII a XIX, e do século XX). Nestas se traçam diferentes percursos históricos associados a contextos não coloniais, protocloniais e coloniais na Índia mogol, Moçambique, Angola, Guiné, Goa mas também relacionados com Portugal e o Atlântico. Na Parte III – Memórias institucionalizadas e vividas – seguem textos que reflectem sobre a interacção e o confronto entre variados espaços, objectos e discursos em várias zonas do globo, como Portugal, Brasil, Angola, Guiné e Maurítânia. Na Parte IV agrupam-se textos que se debruçam sobre mudanças contemporâneas nos novos Estados africanos como Angola, Moçambique e Guiné, e também no Brasil.

Trata-se de um livro em que historiadores, sociólogos e antropólogos de vários países contribuem para o debate sobre os percursos da modernidade de matriz portuguesa, as suas raízes, a evolução do tecido social, político e cultural em espaços de presença portuguesa, e a maneira como esta memória colectiva e individual foi construída e vivida pelos actores e estratos sociais em questão, no contexto daquela relação. Verdadeiros caminhos cruzados, cujo protagonista de exemplo foi a professora Jill Dias, na sua incansável procura de desconstruir e inovar o olhar sobre estas relações complexas.

Como nota introdutória, o texto de Maria Cardeira da Silva sintetiza quem era Jill Dias: na sua personalidade, na vontade e na disponibilidade que oferecia para com colegas e alunos, enumerando também alguns marcos importantes do seu percurso académico e da sua obra.

Parte I – Textos históricos, séculos XVII-XIX

Adel Sidarus, em «O Espelho de Príncipes de Jerónimo Xavier SJ dedicado ao Imperador Mogol (1609)» analisa as estratégias da terceira missão jesuítica junto da corte mogol, protagonizada pelo chefe daquela, Jerónimo Xavier, no sentido de introduzir ali a religião cristã, aproveitando o ensejo de Akbar em eclecticamente ensaiar uma nova fé – a «religião divina». A obra de referência de Adel Sidarus é o *Directoryo dos Reys*, considerada um «espelho dos príncipes» a propor aos soberanos mogóis para que se enquadrassem no âmbito «ideal» de uma monarquia absoluta esclarecida.

O texto de Eugénia Rodrigues, «O quotidiano do imaginário acerca das mulheres da Ilha de Moçambique (de meados de Setecentos a inícios de Oitocentos)» tem como objectivo fundamental analisar as dissimetrias entre a mulher real moçambicana no período em causa e o pensamento reformista europeu sobre a necessidade de alteração do seu comportamento, segundo o ideal europeu de mulher da época.

Carlos Almeida, em «Entre ‘gente aspra e dura’ – advertências de um missionário no Kongo (1713-1723)», também lida com a questão da relação entre a realidade e a imagem, desta vez acerca da comprovação de que a acção missionária em África não pode ser desligada das representações sobre África e os africanos correntes na Europa. O autor analisa o percurso de missionários capuchinhos italianos nas terras do Congo no século XVIII, as suas pregações e expedições, os conflitos e tensões mas sobretudo o modo como abordaram a realidade africana e tentaram descrevê-la nos seus escritos.

Seguem-se dois textos que têm em comum uma reflexão sobre pensamentos e práticas relacionados com espaços extra-europeus no século XIX.

João Pedro Marques, em «Quiméricos e reservados: a África no Portugal de Oitocentos», analisa duas visões metropolitanas de actuação globalmente diferentes acerca de como agir nas colónias africanas nesse período. Longe de revelar uma abordagem única e consensual, o discurso português coevo sobre África denota notáveis divergências entre uma ideia do continente baseada numa história romanceada do passado que duvidava da sua utilidade no presente e um projecto que visava investir recursos humanos e capitais nas colónias para rapidamente transformá-las num novo Brasil.

O texto de Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «Educação em Goa na primeira metade do século XIX: instituições, metodologias e resultados», reporta-se também às iniciativas, mas desta vez concretas, e com que grau de concretização, do Portugal liberal face a um território de presença portuguesa mais densa, em matéria de religião e de política educativa. Ao mesmo tempo também olha para o impacto do conflito entre o Padroado Português e a Propaganda Fide que procura – com sucesso – impor-se em Goa, e o modo como as instituições locais se posicionaram perante estas suas intervenções no que diz respeito ao ensino elementar, secundário e superior.

Parte II – Textos históricos, século XX

Em «Esta ‘Libéria Portuguesa’: mudanças políticas e conflitos sociais na Guiné (1910-1920)» Philip J. Havik centra a sua análise neste território oeste-africano num período muito conturbado da sua história, que reflecte as crescentes animosidades entre várias facções políticas e estratos sociais, tanto na própria colónia como entre esta e a metrópole. Enquanto as «campanhas de pacificação» ainda correm, a Guiné é atingida por uma série de escândalos que lançam sérias suspeitas sobre a negligência, incompetência e corrupção que grassava na administração colonial. Por conseguinte, sucessivos governos republicanos instauram sindicâncias, cujos conteúdos permitem perceber melhor as causas destes antagonismos.

Malyn Newitt, em «Uma viagem pelo Norte de Moçambique durante a Segunda Guerra Mundial», também sublinha os laços complexos entre um Mo-

çambique fechado sobre si nos anos 40 de Novecentos e o mundo exterior que ainda pouco sabia da situação que se vivia na colónia, seguindo as pistas valiosas deixadas num diário de viagem não publicado de um viajante inglês. À procura de imagens arquetípicas, o viajante observa no caminho o forte impacto das culturas de renda sobre a população, a sua pobreza, a falta de infra-estruturas e a burocracia inapta numa comparação desfavorável com as colónias britânicas vizinhas.

No ensaio «O trabalho forçado nas companhias ferroviárias de Angola (séculos XIX-XX)», Emmanuel Esteves explicita como a construção e exploração dos Caminhos de Ferro Angolanos – a primeira manifestação da nova economia colonial – trouxe mudanças trágicas às regiões atravessadas por essa infra-estrutura. Esteves analisa o modo como ela provocou intensos movimentos migratórios de várias partes de África e as perturbações morais e psicológicas que esses trabalhadores, amiúde recrutados compulsivamente, sofreram.

Luísa d'Almeida assinala em «A juventude estudantil africana nos anos 60: assimilados mas não tanto... uma fuga para a luta» os protestos, assaltos, greves e revoltas que tiveram lugar em Angola a partir do ano de 1961, realçando o papel de jovens estudantes na destruição do mito da *Pax Lusitana*. Numa conjuntura internacional marcada pela independência de muitos países africanos, a denúncia do colonialismo português fazia-se ouvir tanto em Angola como na Europa. Em Portugal, concretamente, verificou-se a fuga de estudantes angolanos, reagindo ao apelo dos movimentos nacionalistas e das igrejas protestantes para se juntarem na luta em Angola.

Parte III – Memórias institucionalizadas e vividas

No ensaio «Acervos extra-ocidentais e a sua musealização: ciclos e contraciclos», Manuela Cantinho lança um olhar crítico sobre o estudo da cultura material não ocidental actualmente existente em museus de Portugal, do ponto de vista do seu valor antropológico e museológico. Enquanto na recolha dos objectos se denota o papel de etnógrafos, no percurso da apresentação dos acervos lusos sobressai uma visão institucionalizada acerca da etnografia ultramarina que beneficiará de um diálogo interdisciplinar e da criação de laços duradouros com o público.

Cruzando dados históricos e da geografia económica com dados etnográficos das pesquisas realizadas na Guiné-Bissau e na Mauritânia, Amélia Frazão-Moreira fala-nos, em «Encurtar distâncias: história e etnografia através das plantas», das plantas africanas e dos seus percursos históricos transcontinentais, entrando na esfera das dinâmicas que «encurtam distâncias», entre o local e o global, a memória e a práxis.

Em «*Made in Brazil*». *From a deep lower past*: 'vítimas do preconceito unidas jamais serão vencidas?», José Alberto Tavim debruça-se sobre discursos de con-

fluência de minorias no Brasil, na actualidade, que, remetendo para o passado da colónia portuguesa, interpretado como um contexto opressor, são um investimento para assegurar a sua pertença inquestionável a um país definido como moderno e tolerante.

Em «A comida da saudade: subsídios para o estudo da identidade angolana», Rosa Melo oferece uma visão antropológica das várias identidades culturais angolanas a partir da sua gastronomia, praticada tanto no país como na diáspora, e as mudanças que ocorreram no contexto colonial e pós-colonial. Motivadas pela saudade, as comunidades angolanas exprimem esta ligação através de uma escolha de pratos cuja diversidade denota a vivência da guerra, influências interétnicas e regionais.

Parte IV – Estudos contemporâneos

No seu texto «Estudantes moçambicanos em Lisboa: dinâmicas identitárias e processos de mudança social e cultural», Ana Bénard mostra como as identidades nacionais e africanas são reconstruídas nesta diáspora estudantil moçambicana em Portugal, numa fase formativa das suas personalidades e de aprendizagem de conhecimentos e dos «outros». Num contexto transnacional, este jogo cruzado de identidades caracteriza-se por laços históricos e contemporâneos estruturados por uma língua comum, mas também por estratégias familiares, empresariais, políticas e académicas em que a vida associativa constitui um importante mas frágil elo de ligação com a sua terra natal.

Margarida Lima de Faria debruça-se sobre as opções académicas e a vivência de estudantes angolanos em Portugal contra o pano de fundo do desenvolvimento de Angola em «Estudantes Angolanos em Portugal: estratégias políticas e trajectórias pessoais». Neste contexto a procura de um lugar no ensino superior em Portugal é associada às relações históricas e culturais, a fases na própria evolução pós-colonial de Angola, mas também às aspirações pessoais destes estudantes em termos de mobilidade social e formação de elites.

No texto «Associativismo feminino no Atlântico lusófono: Bissau (África) e Cachoeira (Brasil)», Manuela Borges retrata, em parceria com as colegas brasileiras Joseania Freitas e Luzia Ferreira, o fenómeno do associativismo feminino em dois contextos separados pelo Atlântico, a Guiné-Bissau e o Brasil. Utilizando dados empíricos dos respectivos trabalhos de terreno junto de instituições e associações de mulheres, as autoras analisam interligações entre a memória, a história e a identidade no contexto das interações culturais entre África e o Brasil.

Augusto Nascimento procura identificar as razões pelas quais São Tomé e Príncipe falhou as esperanças e promessas no que diz respeito ao seu pretendido desenvolvimento após a independência, em «São Tomé e Príncipe: a independência, o monopartidarismo, a democracia e o empobrecimento». A neopatri-

monialização do Estado e as políticas erradas seguidas por sucessivos governos contribuíram, segundo o autor decisivamente, para aumentar as assimetrias sociais e provocar o colapso da sociedade civil, uma tendência que não foi contrariada ou resolvida com a chegada do multipartidarismo e a democratização das instituições.

Em «As igrejas espirituais em Moçambique contemporâneo. Explicações para o seu sucesso», Gerhard Seibert debruça-se sobre as razões do forte crescimento das igrejas «ziones» e «pentecostais» desde o fim da guerra até aos princípios dos anos 90 do século passado. Para tal o autor aponta a simbiose entre cultos cristãos e africanos, a cura por meios espirituais e o apoio às populações desfavorecidas em bairros periurbanos. Distingue ainda os cultos, cuja larga aceitação e proliferação situa no contexto da abertura criada pela transição para o multipartidarismo em Moçambique.

Tendo em conta a recente condição de Portugal como país de imigração, em «‘Filhas de santo’: rituais, terapias e diálogos afro-brasileiras em Lisboa», Clara Saraiva retrata alguns aspectos da expansão das religiões afro-brasileiras (Umbanda e Candomblé) em Portugal, analisando algumas das práticas terapêuticas transnacionais, o modo como os portugueses aderiram a tais terapias e como a religião e as práticas de cura alternativas podem condicionar o modo como os próprios imigrantes são conceptualizados.

Cumpre-nos agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio dado ao projecto desde o início, a Ana Paula Tavares, que se empenhou na revisão de textos, a Cristiana Bastos e a Clara Cabral da editora do ICS, a David Birmingham, a Elvira Mea, directora do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, e a todos os que no IICT e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa contribuíram, directa e indirectamente, para a realização deste livro.